1.º anno | Lisboa, 23 de fevereiro de 1885 | Numero 35

A Illustração Portugueza

Semanario

REVISTA LITTERARIA E ARTISTICA

COLLABORADORES—Bulhão Pato; C. Castello Branco; Casimiro Dantas; C. Bellem; E. Schwalbach; Fernando Caldeira; F. Palha; D. G. Torresão; J. C. Machado; Julio de Menezes; Luiz A. Palmeirim; Manuel de Assumpção; Marcellino Mesquita; Pedro dos Reis; Pinheiro Chagas; Sergio de Castro Thomaz Ribeiro; Visconde de Monsaraz; Visconde de Benalcanfor; etc.

SUMMARIO

CHRONICA

Tu, que vives lá muito longe, carissima leitora provinciana, franca e boa companheira dos meus brinquedos de garoto travêsso, fazes, por certo, um juizo muito errado do que seja a existencia vivida n'esta capital irrequieta, onde se agitam multidões enormes, onde brilha a côrte e a nobreza, o que ha de melhor nas lettras, o que ha de mais notavel na sciencia, na industria, nas artes e no *sport*.

Aconchegada no teu sophásinho vetusto, diante d'um candieiro de petroleo, com *abat-jour* picado a bico d'alfinete, em cujo perimetro se recortam flores caprichosas, tu deixas pender a cabeça sobre a mão fechada, e pões-te a scismar, a scismar horas esquecidas, imaginando que Lisboa é um ceu aberto, que o mundo acaba para além dos muros d'esta cidade de granito.

E a fanthasia povoa-se-te de imagens estranhas; e as ruas tortuosas da tua villa modesta afiguram-se-te os meandros do inferno dantesco; e as quatro paredes do teu lar sereno, onde, ás oito horas da noite, não se ouve o zumbir d'uma mosca, parecem-te as paredes d'um tumulo para onde te arremessaram viva.

Dessem-te azas, n'esses momentos de meditação, e tu voarias alegremente para o foco luminoso onde convergem todos os teus pensamentos:—Lisboa.

O desconhecido fascina-te. Mariposa irrequieta, desejarias vir queimar-te na luz d'este meio onde eu vivo, luz que á tua imaginação de provinciana ingenua e simples apparece com um brilhantismo extraordinario, com todas as fulgurações alegres do arco-iris.

Como tu te illudes, minha boa e doce amiga da infancia. Como tu calumnias esse pequenino paraiso que nos foi berço, para ergueres, no teu espirito, um altar á grande capital dos teus sonhos mentirosos!

Imaginando que vivemos aqui em festa perennal e eterna, que não ha mãos a medir em materia de gozos e de passatempos, suppozeste agora, de certo, que o Carnaval lisboeta fôra um verdadeiro idyllio, um *mare magnum* de prazeres, um assombro d'espirito e de bom gosto.

Necessariamente, sonhaste batalhas de flores, feridas em plena rua, sob um ceu limpido e claro; congressos de mascaras espectaculosos e brilhantissimos, como o que acaba de realisar-se em Roma, com as suas cavalgadas magnificas, o seu *Gianduja* do Piemonte, o seu *Stenterello* florentino, os seus carros allegoricos

GALERIA DOS PAÇOS REAES DE EVORA

representando a *Sereia* de Napoles, a *Gondola* de Veneza, as *Torres* de Bolonha, o *Pietro Micca* dos piemontezes e a *Loggia* de Florença.

Imaginaste que a nossa côrte assistiria ao desfilar de esplendidas mascaradas, em qualquer ponto da capital, como os reis d'Italia assistiram, da janella do palacio Fiano, á passagem do grande cortejo de *Pulcinellas* e de *Arlecchinos* pelo Corso.

Nos teus devaneios infantis, fanthasiaste bailes esplendorosos, espectaculos soberbos, mascaras com espirito, graça a rodo, pilheria á farta, muita alegria, muita vida e movimento, dias de Carnaval bem passados, e noites mais bem passadas ainda.

Como tu vaes ficar de cara á banda, quando eu te disser que não tivemos nem um simulacro de tudo isso, nem um simples e pallido reflexo do que á tua imaginação aprouve crear!

E não, juro-t'o. Nas ruas, o *cheché* tradiccional, dando o braço á pastorinha anachronica, e ao gallego brutamontes, de nariz de papelão. Marafonas impudicas passeiando, em carruagens de praça muito réles, a sua quasi nudez e a sua completa desvergonha. Arremedos imperfeitissimos de homens notaveis saracoteiando-se desgraciosamente no mac-adam.

Das janellas sobre o transeunte pacifico e desmascarado uma saraivada de tremoços e de immundicies varias. Da rua para as janellas, as mesmas immundicies e os mesmos tremoços. E, como se toda esta semsaboria não bastasse para nos pôr de mau humor, o Supremo Architecto a bisnagar lá de cima a humanidade com umas bategas d'agua impertinentes.

Nos bailes carnavalescos nem sombra d'espirito: nem uma intriga com graça. Dominós mal cheirosos acotovelando-se; *pierrettes* ordinarias dando á perna n'umas contradanças sonnolentas; muito pó e muita farraparia: uma athmosphera saturada d'aromas indefinidos e suffocantes: a bisnaga sulphidrica a confraternisar, no mesmo esguicho, com a bisnaga d'agua de colonia: a brutalidade e a devassidão a confundirem-se, dando productos monstruosos, scenas de baixo imperio, quadros do mais nojento realismo. A perfeita decadencia do Carnaval, ou antes o perfeito Carnaval da decadencia.

Vae, pois, vivendo no teu cantinho socegado, e não te illudas. Nem tudo o que luz é oiro.

Aqui, d'onde devia emanar para todos os pontos do paiz o *mot d'ordre* do prazer e do bom gosto, morre-se de tedio, vegeta-se na rotina.

Dir-me-has que a duqueza de Palmella, a illustre patricia *doublée* d'uma notabilissima artista, reuniu nos seus deslumbrantes salões do Rato, ao som das valsas de Strauss tocadas por treze *tziganes* authenticos, a fina flor da fidalguia lisbonense.

Mas essa festa maravilhosa, esse conto das *Mil e uma noites*, em que as chronicas fazem desfilar, diante de nós, *cotillons* bordados de marcas variadissimas, magnificencias principescas, maravilhas raras, iguarias celestes, gozos paradiziacos, e mulheres olympicas com os hombros constellados de diamantes caros, tocou a poucos, foi só dos felizes e só para elles.

A grande massa do indigena nem poude ouvir da rua a orchestra de *tziganes*, nem saboreou o *menu* d'aquella ceia real, nem apanhou os *bonbons* profusamente espalhados em *sachets* de setim *rose-pâle* n'aquelle *cotillon* estonteador.

Em vez de saborear a musica de Strauss e os *bonbons* da sr.ª duqueza, o indigena molhava-se pelas ruas fóra, ou aborrecia-se, como eu e muita gente boa, nos estupidissimos bailes de mascaras de S. Carlos.

Não acharás estranho que ainda hoje me resinta d'este aborrecimento, tendo elle attingido umas proporções colossaes e esmagadoras.

É porque não posso banil-o de mim sem que sejam decorridos alguns dias, e porque não estou para irritar os meus *diabinhos azues* repetindo-te o que a nossa politica tem dito sobre a questão do Zaire no parlamento reaberto, e porque, emfim, não houve, durante a semana, coisa digna de registro especial, recolho-mo gravemente ás meditações da quaresma, e começo a fazer exame de consciencia para a desobriga do estylo.

Faze tu outro tanto.

C. DANTAS.

GARRETT E O SEU TEMPO

VIII

Emquanto se entregava assim ás suas preoccupações litterarias, não deixava o illustre poeta de continuar tambem a envolver-se no movimento politico. O seu nome era prestigioso e popular entre os emigrados. A sua tragedia *Catão* continuava a ser a peça das manifestações. Os academicos representavam-n'a em Plymouth, e achavam modo de envolver n'essa apotheose de liberdade, pela qual combatiam, uma censura acerba aos que dirigiam a emigração.

Permitta-nos o sr. Gomes de Amorim que contribuamos com um elemento que possuimos por herança para o peculio abundantissimo de memorias curiosas que elle congregou no seu excellente livro.

O pae de quem escreve estas linhas, Joaquim Pinheiro Chagas, pertencia ao batalhão academico, e estava com os seus collegas em Plymouth. Foi elle o auctor senão de todas, pelo menos de algumas das satyras que formam as *Noites do Barracão*. Falla o sr. Gomes de Amorim n'este folheto, sem proferir comtudo o nome de Joaquim Pinheiro Chagas. Não lamentamos o esquecimento; porque o proprio auctor pouco se ufanava d'essa obra da mocidade, desaffogo de rapaz indignado com as miserias de que era victima. Em todo o caso, essas satyras tiveram tanta popularidade, que nos sentimos levemente confrangidos, ao notarmos o esquecimento do sr. Gomes de Amorim. Tão modesto era Joaquim Pinheiro Chagas, que ficaram ineditas a maior parte das suas composições, algumas devéras excellentes. A sombra que procurava continúa a envolvel-o depois da sua morte! Até essas pobres *Noites do Barracão* lhe disputam os que bem deviam saber que elle as escrevera, e mal podemos reivindicar para elle essa pequenina gloria, porque nunca pensou em affirmar a sua paternidade, e o que sabemos com certeza, porque ás vezes nos recitava com certa complacencia esses versos, é que lhe pertence incontestavelmente a mais fina e ironica satyra das *Noites*, a que tem por estribilho *Rasões são de Estado*, etc.

Se o grande Palmella,
Marquez illustrado,
Ou foi enganado
Ou nos enganou;

Se entrando no Porto
Com grande espavento,
Sem mais cumprimento
Com tudo acabou,

Rasões são de Estado,
Que tu não entendes,
Mysterios que offendes
Querendo-os sondar.

Mas deixemos as *Noites do Barracão*, e vamos ao assumpto que nos interessa agora.

Joaquim Pinheiro Chagas estava pois em Plymouth, quando em 1829 ali se representou o *Catão*. No fim da tragedia, um academico subiu ao palco (não sabemos se foi o proprio auctor) e entre applausos extraordinarios recitou a seguinte ode, toda cheia de allusões aos acontecimentos palpitantes do dia. A ode é agora pela primeira vez impressa. Dizia assim:

Catão, o Benjamim da Liberdade,
Esse homem ideal nas nossas eras
Reviver ja não póde.
Romanos, sim Romanos são os Lusos!
Como elles defendendo a Liberdade,
Um Catão só lhes falta!
Como elles odiando o despotismo,
Seu jugo sacudir com brio intentam
Mas aonde um Catão?
Como elles no mavorcio campo affrontam
O p'rigo e a morte, mas ao lado d'elles
Um Catão não combate.
Como elles, e mais que elles, na desgraça
Aos revezes crueis resistir sabem
Os desditosos Lusos.
Longe da Patria que lhes é tão cara,
Longe dos filhos, longe dos amigos
Heroes inda se amostram!
Se os filhos de Minerva, a flôr de Lysia,
Que a patria a libertar promptos correram,
Hoje os Romanos vissem...
Na miseria!... mas não, não magoemos
Quem d'elles sente o mal, como o sentira
Se a propria dôr soffrera!
Oh! ufana-me o crel-o, se em mãos lusas
D'estes jovens a sorte se encontrara
Venturosos seriam!
Quando na lucta em que envolveu a Patria,
Que por mais de uma vez tem lacerado
O despota Silveira,
Estes jovens heroes, correndo ás armas,
Da proxima ruina defenderam
A timida Coimbra
Os apertaram nos heroicos braços
Mais de uma vez os lusitanos Brutos
Do seu valor em premio.
Triste recordação! e os que no Cruche,
No Prado e Barca louros só ganharam
Hoje longe da Patria!
Não existem acaso esses guerreiros,
Que, fieis ao seu rei, fieis á Patria
A morte desprezavam?
Ah! elles vivem, e se houvesse ao menos
Um Catão, que da gloria á nobre estrada,
Dirigil-os soubesse,
Lysia fôra maior que a propria Roma.
Esta morreu, aos ferros sujeitou-se,

E Lysia revivera.
Assim os restos só existem d'ella,
Que sem ti, general, Pizarro honrado
Nem o pó existira.

O auctor tinha justamente vinte annos, porque nascera em 1809, quando escreveu esta ode, que, no meio de todos os seus defeitos, respira um ardor juvenil e communicativo. Repercutiam-se nos seus versos sonoros todos os resentimentos dos academicos, vibravam n'elles e ainda assim moderadamente, todas as coleras dos emigrados. O applauso immenso com que a ode foi acolhida, mostrou bem que elle não fizera senão exprimir no seu metro classico os sentimentos de todos.

Garrett, no prologo da 2.ª edição do *Catão*, refere-se a esta recita, mas não falla na ode que transcrevemos. Provavelmente nem teve conhecimento d'ella. As informações que teve a respeito da propria recita são até muito vagas. Suppõe que lhe representaram a peça alguns officiaes e outros emigrados distinctos, mostrando assim ignorar que tivera principalmente por interpretes estudantes de Coimbra, soldados do batalhão academico. Se o soubesse, não deixaria de se referir a isso.

A vida politica de Garrett na emigração não se póde avaliar bem, devemos confessal-o, pela obra do sr. Gomes de Amorim. O amigo dedicado sobrepõe-se n'este delicadissimo ponto ao biographo imparcial. Porque é que o nosso grande poeta, que esteve em Londres como addido á embaixada portugueza, que viveu na intimidade do marquez de Palmella, que, de accordo com elle, fundou os dois jornaes *Chaveco Liberal* e *Precursor*, não hesitou em escrever tambem aquelle virulento pamphleto, que se intitula *Carta de Mucio Scevola?* Porque é que depois fez desapparecer uma parte da edição d'este pamphleto? Para sermos justos e imparciaes é necessario que não nos deixemos levar pelo enthusiasmo que nos inspiram os talentos excepcionaes d'esse homem extraordinario, que escrevia com a mesma penna acerada e brilhante os versos suavissimos da *Adosinda*, os monologos viris do *Catão*, os periodos virulentos da *Carta de Mucio Scevola*, os artigos desenfastiados do *Chaveco*, as paginas didaticas do *Tratado de Educação*, e que ia depois fazer codigos administrativos, e ser o braço direito de Mousinho da Silveira. Ha uma lei de compensações que faz sempre amargar aos homens a sua superioridade. Nos contos de fadas muitas vezes se repete uma historia que é bem vulgar na vida: Junto do berço de um recemnascido juntam-se todas as fadas boas que prodigalisam á criança os seus dons, e a enchem de felicidades sem conto. N'isto apparece uma fada que se esqueceram de convidar, e com um dom funesto estraga e transtorna todas as dadivas das outras. Foi o que succedeu a Garrett na politica. Deram-lhe as fadas boas todas as qualidades que podem levar um homem ás mais altas eminencias do poder—o prestigio de um nome brilhante nas letras, talentos oratorios de primeira ordem, talentos de escriptor, e talentos administrativos, dons attractivos a que ninguem resistia. E comtudo, é triste dizel-o, mas resalta isso bem evidentemente não só da nossa historia parlamentar, mas do proprio livro do sr. Gomes de Amorim, Garrett nunca teve a importancia politica, a que lhe davam direito as qualidades especiaes do seu espirito. Porque? E' porque havia no seu animo uma certa fraqueza feminina, uma deploravel irresolução, que o levava a fluctuações, que naturalmente inspiravam desconfianças, e auctorisavam as muitas calumnias com que aquelle grande homem foi perseguido, durante toda a sua vida, e contra as quaes o sr. Gomes de Amorim com toda a rasão protesta.

Durante a emigração evidentemente Garrett fluctuou sempre entre os saldanhistas e os palmellistas. O redactor do *Chaveco Liberal* e do *Precursor* não estava de accordo com Mucio Scevola, o pamphletario. Debalde se escondeu Garrett debaixo d'este pseudonymo, debalde anniquilou a edição: sempre alguns exemplares escaparam, e o seu estylo já então não era estylo que se disfarçasse, já desafiava todos os pseudonymos. Como não queria elle inspirar desconfianças aos politicos, se, depois de fazer a apotheose de Saldanha, fazia causa commum com os que excluiam da expedição aos Açores o mais brilhante general com que podia contar a Liberdade?

PINHEIRO CHAGAS.

IGNOTA DEA

Mal sabes tu, que tranquillamente
Por caminhos em flor segues na vida,
Que o teu formoso olhar, pomba querida,
E' tudo quanto só meu peito sente.

Eu vi-te ha muito tempo, e de repente
Minh'alma se ficou enternecida;
Mas esta minha vida assim vivida
Desconhecel-a tu completamente.

Nem has de saber d'ella; esta tristeza
Não ha de perturbar essa belleza,
—Ideal dos poetas e pintores,

O sonho meu das noites e dos dias,
Dôce visão das minhas phantasias,
A chymera infantil dos meus amores.

SERGIO DE CASTRO.

AS NOSSAS GRAVURAS

GALERIA DOS PAÇOS REAES EM EVORA

Os paços reaes de S. Francisco, de Evora, foram mandados construir em 1468, por D. Affonso V. Ali casou o mallogrado infante D. Affonso, filho de D. João II, com a princeza D. Izabel, de Hespanha.

Poucas ruinas existem d'estes paços, mas sabe-se que elles occupavam uma área muito vasta, pois chegavam desde a muralha sobranceira á *horta dos soldados* até a *rua do Paço*, tocando quasi a portaria junto ao *largo de S. Francisco*.

Filippe III deu aos frades franciscanos a parte oriental dos paços, que elles transformaram em dormitorios.

Era aqui o *quarto da rainha*, cujas janellas ainda se conservam.

Os paços de Evora eram uma das maiores e mais ricas residencias reaes de todo o reino.

A galeria, que a nossa gravura representa, tinha 300 palmos de comprido, 72 de largo e 75 de alto.

NAS HORAS VAGAS

Nas horas vagas, que lhe ficam da pratica do canto-chão, vae para o côro zangarrear uns modilhos profanos na rabeca.

A communidade, quando o ouve, foge a sete pés, horrorisada, para o interior das cellas, tal é a perfeição com que o fradesco Paganini faz musica no seu instrumento predilecto.

A posição do tocador mostra bem o que será um stradivarius n'aquellas bentas mãos.

UM RETRATO

Eu não sei de quem é, mas se o artista não o favoreceu, o original deve ser lindissimo.

Olhos soberbos, cabellos magnificos, collo adoravel, dentes alvos e correctos, sorriso ligeiramente malicioso e meigo ao mesmo tempo, tudo se admira n'aquelle busto encantador, aureolado pelos esplendores da feiticeira mocidade.

OS SUSTOS DO BÉBÉ

Mettem medo ao pequeno, mostrando-lhe um pobre pato, que vae ser degolado d'ali a pouco, para servir no jantar dos seus annos.

O cosinheiro alvar ri-se muito dos sustos do *bébé*, e a ama do pequenino medroso mette-lhe ainda mais côcos, fazendo d'elle um fracalhão, em vez de o habituar a ser um homem.

UMA DESCOBERTA

Outra scena de convento, mas esta, em vez de se passar no côro, passa-se na adega. Não é uma scena lyrica: é um quadro d'interior, com os seus *tics* de realismo picante.

Indo fazer a costumada provisão de bebidas, para o jantar da communidade, o leigo servidor descobre, na frasqueira do *fino*, umas quantas garrafas vazias, *lanternas apagadas*, como suas reverendissimas lhes chamam.

E' no acto de fazer esta descoberta que a nossa gravura o reproduz.

O pobre diabo cheira o gargalo d'uma das garrafas esvaziadas, a ver se, pelo cheiro, consegue saber quem se regalou com o contheudo.

Elle não foi, e por uma simples rasão: vae sempre á torneira da pipa, que é fonte mais limpa.

PLANTAS RARAS

A MIMOSA

E' a rainha das sensitivas; a mais impressionavel, a mais sympathica e a mais mysteriosa d'essas plantas, que por qualquer motivo se agitam, que por qualquer causa se affectam, parecendo seres animados.

As suas folhas elegantissimas semelham pennas d'aves; o seu caule é extremamente fragil e delicado; a sua sensibilidade extraordinaria e incomparavel. Tudo a impressiona e inquieta: é a verdadeira sensitiva.

NAS HORAS VAGAS

OS SUSTOS DO BÉBÉ

UM RETRATO

Os sabios chamam-lhe singelamente *mimosa pudica.*

Se lhe imprimirmos, com o dedo, o mais leve contacto, o menor movimento, a mimosa levanta logo as suas petalas, e une umas ás outras, como se pretendesse livrar-se d'um perigo, d'uma injuria, d'uma dôr.

Depois, e repentinamente, a folhagem inclina-se abatida, como se fosse a d'uma planta morta.

Mas d'ahi a instantes as suas dores acalmam-se, os seus receios dissipam-se. A mimosa sáe do marasmo em que estivera, e volta á vida, tremendo, agitando-se, abrindo as petalas unidas, levantando as folhas dormentes.

Se a collocarmos dentro d'uma carruagem, as trepidações das rodas produzem o mesmo effeito que o contacto da mão, mas o torpor dura pouco tempo.

Em face d'estas interessantes observações, não poderá presumir-se que os vegetaes sejam capazes de experimentar sensações quasi identicas ás que attribuimos aos animaes?

Sthal, Glisson, Huller, Barthez, Tiedemann, Van Helmont, Cuvier e outros homens de sciencia pediram á sensitiva os seus segredos; e, como uma pessoa que se nega a responder, ella fechou as suas petalas e deixou pender as suas folhas.

A sensitiva continua a ser um dos grandes enigmas da natureza, apesar dos botanicos terem fallado tanto de irritabilidade, de contractibilidade, de incitabilidade e de excitabilidade, bonitas palavras que nada explicam e que absolutamente nada resolvem.

A.

EM FAMILIA

(PASSATEMPOS)

PEQUENA CORRESPONDENCIA

ASSIGNANTE IMPERTINENTE.—Lisboa.—Na quaresma seriam muito bem cabidos os reparos de v. ex.ª, mas em pleno Carnaval achamo-los injustos. Atire a primeira pedra quem nunca teve nos labios ou na penna uma pontinha de malicia!

Em todo o caso, registramos os reparos, e promettemos não tornar a dar-lhe d'aquella fructa agri-doce, nem mesmo no Carnaval.

Fica satisfeito?

TOM POUCE.

CHARADAS

NOVISSIMAS

E' doce e fofo este homem—1—1.

Não e boa e bebe-se na musica este instrumento—1—1—1.

Na musica é lindo este homem—1—2.

Este adverbio alimenta esta cidade—1—1.

Pará. B. FEITOSA.

O ferro prende o insecto—2—1.

Sopra no vazio este homem—2—1.

Evora. J. X.

EM VERSO

Outr'ora, que não amava,
Vivia feliz, contente;
Hoje, que minh'alma adora,
Vivo amarguradamente—1

Meu Deus! Que triste existencia,
Tão molina e cruciante
Eu passo desde que amo
Uma diva tão galante—2

Por ti delira a minha alma,
Palpita meu coração:
E tu, sempre inabalavel!
Oh! Tem de mim compaixão!—1

Ai! Assim tem sido sempre
Este meu triste viver,
Sempre na sorte revezes,
Sempre em continuo soffrer!

Leiria. CABO D'ESQUADRA.

MATHEMATICA

Cidade +c—t=quadrupede—2.

DIAS VELLOSO.

CHARADA CONIMBRICENSE

(Por syllabas)

Na primeira vertical
Se acolheu muito vivente.
A segunda vertical
Pode bem ser teu parente.

A primeira horisontal
Muita vida tem roubado.
P'la segunda horisontal
Agua pura tem passado.

A primeira diagonal
E' recondito e profundo.
A segunda diagonal
Bicho feio assaz immundo.

Queluz. CHRISTINA BRENNE ADRIÃO.

EM TRIANGULO

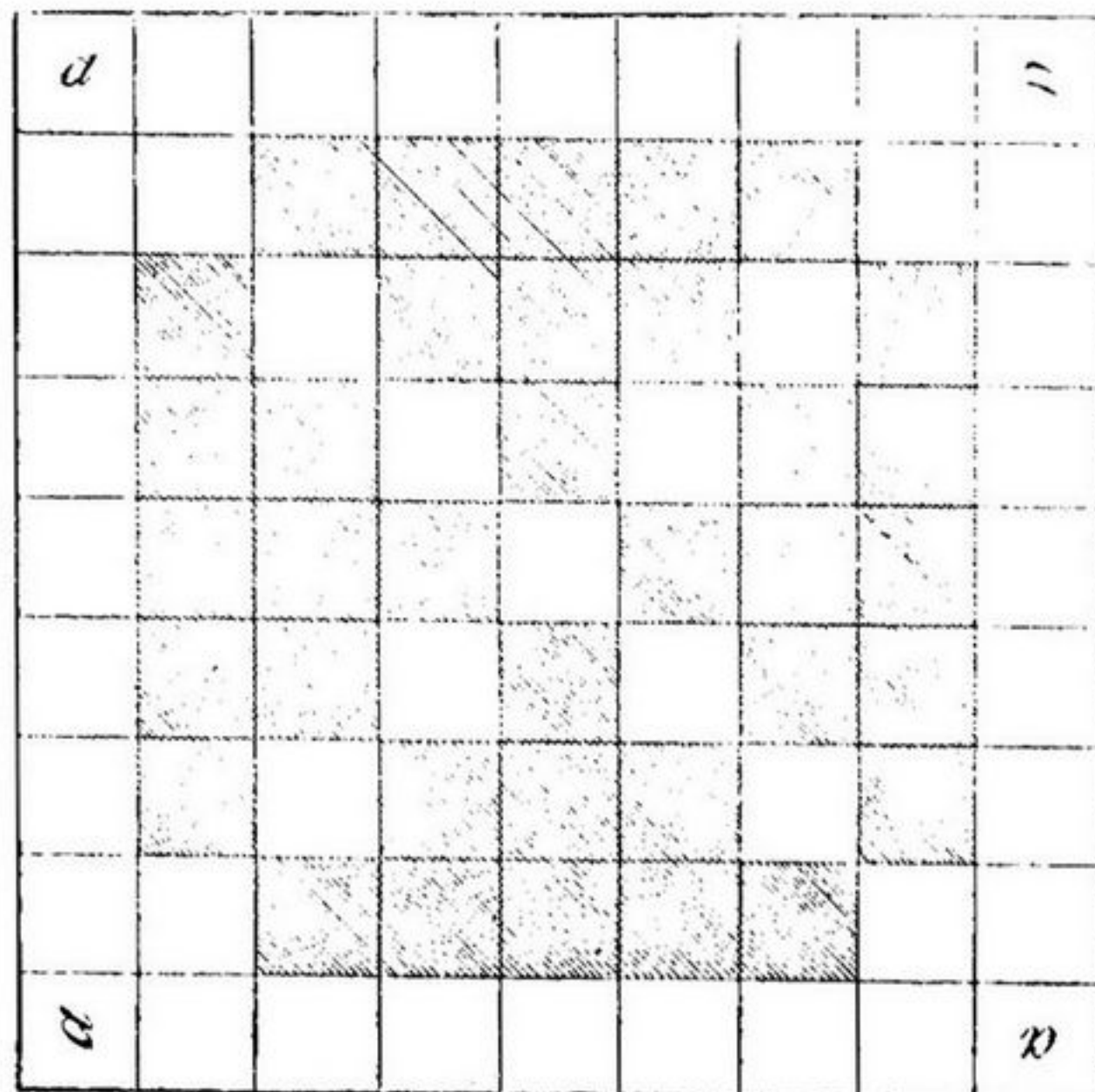
— — — — — — Nome de mulher
— — — — — Nome de mulher
— — — — No firmamento
— — — Flor mimosa
— — Verbo
— Artigo

Redondo. M. C. RAMOS.

ADIVINHA POPULAR

Sou corpo com muitas linguas,
E com todas ellas fallo.
Quando estou com quem me entende,
Por dar gosto não me calo.

Tenho dez amigos certos,
Com elles muito me dou.
Elles são que me procuram,
Eu nunca buscal-os vou.

ENIGMA

Formar seis nomes de mulher, preenchendo os brancos com as lettras seguintes:—a a a a c c c d d e e g h i i i i i l m n n n n n n n n o o o o r r r s s t t t t u.

LOGOGRIPHOS

(Por lettras)

Appellido—1—6—3—4—8
Nome—5—3—4—2—7—8

Appellido—4—6—5—2—7—8
Nome—5—3—6—1—8

Appellido

MATHEUS JUNIOR.

(A José Dias Velloso)

N'esta cidade do reino—6—2—3—4—9—1
Um certo homem achei.—5—1—7—5—4—9—6
E n'esta nação governa
O confirmante da lei—8—5—2

De conceito não careces,
Por ser nome que conheces.

Braga. S. J. FERNANDES.

PROBLEMA

Qual é a maior potencia de 7 que divide o producto dos mil primeiros numeros inteiros?

MORAES D'ALMEIDA.

DECIFRAÇÕES

DAS CHARADAS: — Aposta — Leopardo— Annabaptista — *Primadonna* — *Madame* — Pelago—Arcano—Petala—Paulista—Molino—

A fri ca
fri ei ra
ca ra ça

—

Lei tei ro
tei mo sa
ro sa da

—

C h a v e n a
h a v e r a
a v e i a
v e i o
e r a
n a
a

DO ENIGMA:—Mississipi.

DO PROBLEMA:—Suppondo que os tentos tomados por cada uma das mulheres são n×13, n×7 e n×4, o numero de tentos com que ellas ficam é n×8, como é facil de ver. Portanto, basta dividir por 8 este ultimo numero, e multiplicar o quociente por 13, 7 e 4.

A RIR

O banqueiro X..., um avarento de *primo cartello*, não dá esmolas, senão quando circumstancias muito imperiosas a isso o obrigam.

Um amigo orthodoxo dizia-lhe hontem:

—Dar aos pobres é emprestar a Deus...

—Pois sim, respondeu o avarento, mas é que elle não dá boas garantias.

*

O pequeno Luciano está muito embaraçado. A mamã trouxe-lhe um pão de ló e diz-lhe:

—Corta-o em dois pedaços e dá o maior á tua irmã Lili.

Luciano reflecte um instante; depois, estendendo o bolo e a faca á irmãsinha:

—Ahi tens, Lili, corta tu!

*

Colhido no album d'uma viscondessa casada e bonita.

—Qual é o principal dever de um marido?

—Agradar á sua mulher.

—Qual é o dever de uma mulher?

—Agradar a todos os homens.

UM DOMINÓ.

UM CONSELHO POR SEMANA

RECEITA PARA SOLDAR O AMBAR

Para unir dois pedaços d'ambar, lavam-se estes com agua quente e sabão, e depois com alcool; em seguida deita-se sobre o ponto da soldadura uma gotta de dissolução de potassa ou de soda caustica, e applicam-se e apertam-se entre si os dois pedaços que devem soldar-se.

CONTOS DA CARÓCHINHA

AS DUAS MARGARITAS

(CATULLE MENDÉS)

I

Manuel e João eram filhos de uma gente muito pobre: sentindo-se acabrunhados pela miseria, as duas creanças resolveram ir correr mundo e tentar fortuna.

Foi por uma manhã de primavera que elles se pozeram a caminho. João tinha quinze annos, Manuel tinha dezeseis: a sua tenra idade tornava a empreza difficilima; comquanto os dois rapazinhos alimentassem alguma esperança, nem por isso deixavam de experimentar uma viva inquietação.

Mas logo no começo da sua viagem, succedeu-lhes uma aventura que os animou extraordinariamente. Seguiam elles ao longo de um bosque, quando viram encaminhar-se ao seu encontro uma dama; a dama vinha toda coberta de flores; botões de oiro e de pimpinellas guarneciam-lhe o cabello; os lyrios que lhe engrinaldavam o vestido chegavam-lhe até aos sapatinhos de musgo, semelhante a velludo verde; os labios assimilhavam-se a uma rosa e os olhos a dois *forget me not*. De cada vez que a dama se mechia, um enxame de borboletas palpitava em torno da sua florescencia, exuberante de viço.

O facto não era para admirar, porque a dama era a fada Primavera, que se vê de abril em diante passar ao longo dos bosques reverdecidos e dos prados orvalhados, levando na bôca uma canção melodiosa.

—Visto que vão partir para uma longa viagem, disse ella aos dois irmãos, quero offerecer-lhes um brinde. Aqui teem duas margaritas, uma para cada um. Bastar-lhes-ha arrancarem a estas flores uma petala e atirarem-a ao ar, para experimentarem no mesmo instante o incomparavel jubilo de verem realisado o desejo que formularem.

Vão, sigam o seu caminho, e diligenceiem empregar bem os presentes de Primavera. Manuel e João agradeceram, penhorados, a delicada lembrança da obsequiadora fada; depois, pozeram-se a caminho, tranquillos e satisfeitos. Mas ao chegarem á bifurcação de uma estrada, travou-se entre elles uma altercação: Manuel queria ir para a direita, João queria ir para a esquerda; afinal, e desejando terminar a questão, combinaram que seguisse cada qual o caminho que melhor lhe parecesse, separando-se, depois de se haverem abraçado. E' possivel que qualquer dos dois irmãos não desgostasse de ficar só, afim de gosar livremente o dom que lhe concedera a dama vestida de flores.

II

Ao chegar a uma aldeia, João viu uma menina encostada á janella, e difficilmente reteve um grito, tal foi a impressão que lhe causou a sua belleza! O rapazinho nunca tinha visto uma rapariga tão bonita, nem imaginava que ella podesse existir. Quasi uma creança, com cabellos finos e tão loiros que se confundiam com a luz doirada do sol, cutis pallida e ligeiramente ruborisada—lyrio na fronte, rosa nas faces; os olhos abriam-se-lhe como a flor da congosta humedecida por uma perola do orvalho; não havia labios que ao aspecto dos da encantadora creança, não desejassem ser abelhas. João não hesitou! Arrancou uma das petalas da margarita: ainda bem o vento não se apoderara da tenue folhinha, e já a menina da janella estava na rua, sorrindo-se para o viajante. Em seguida, dirigiram-se ambos para a espessura do arvoredo, de mãos unidas, fallando em segredo, dizendo que se amavam; só ao verem-se e ouvirem-se experimentavam taes delicias, que se julgavam transportados ao paraizo. Os gosos do primeiro encontro repetiram-se durante muitos dias, dias de ineffavel ventura, que se perpetuaria indefenidamente, se a creança não tivesse morrido uma noute de outomno, á hora em que as folhas seccas, sacudidas pelo vento, batiam nos vidros como o fremito da morte que passa.

João chorou por espaço de muito tempo; mas as lagrimas não cegam a ponto de não se poder ver o que vae pelo mundo: um dia, João avistou uma formosa transeunte, vestida de setim e oiro, de olhar ousado e labios provocantes; o rapazinho arrancou outra petala e partiu com a bella fascinadora! Desde então, despreoccupado, pedindo a cada hora uma alegria e a cada alegria que não durasse senão uma hora, apaixonado sem cessar por tudo que encanta, enlouquece e extasia, dispendeu sem calculo, os dias e as noutes, abandonando-os a todos os risos e a todos os beijos. A brisa mal tinha tempo de agitar os ramos das roseiras

e de erguer os veos das mulheres, por tal maneira estava sempre occupada em receber e levar as petalas da margarita.

III

O procedimento de Manuel foi precisamente o contrario. Manuel era um rapazinho economico, incapaz de esbanjar o seu thesouro. Logo que se viu só no caminho, prometteu a si mesmo não dissipar inutilmente o presente da fada. Porque emfim, por muito numerosas que fossem as petalas da flor, chegaria um dia

UMA DESCOBERTA

em que não restaria nenhuma, se elle as arrancasse a todo o instante. A prudencia exigia que as reservasse para o futuro; e conduzindo-se assim, Manuel adivinhara de certo as intenções de Primavera. Na primeira cidade que se lhe deparou, Manuel comprou um cofresinho muito solido, collocou dentro a flor, fechou-o á chave e resolveu, para evitar tentações, não tornar a abril-o. Nunca Manuel teria olhado levianamente para as meninas das janellas, ou para as bellas transeuntes, de olhar ardente e labio provocante. Rasoavel, methodico pensando em cousas serias, Manuel entregou-se ao commercio e ganhou enormes quantias. Os estouvados, que só se preoccupam com festas, não curando do dia de amanhã, inspiravam-lhe desprezo; sempre que se lhe deparava ensejo, censurava-os asperamente. De sorte que Manuel era muito considerado pelas pessoas de bem; citavam-o como exemplo; todos eram unanimes em encarecer o seu juizo prudencial. E elle continuava a enriquecer, trabalhando desde pela manhã até á noute. A dizer a verdade, não era feliz como queria sel-o; pensava, a despeito seu, nos gosos de que se privava. Bastar-lhe-hia abrir o pequeno cofre, atirar uma petala ao vento, para amar e ser amado! Mas, conseguia sempre dominar essas veleidades perigosas. Tinha muito tempo! Seria feliz mais tarde. De que lhe serviria multiplicar os prazeres e perder assim a posse do seu thesouro? «Paciencia! não nos apressemos!» Não perdia nada em esperar, desde que a flor estava segura no cofre. A brisa murmurava-lhe: «Atira-me uma petala, afim que eu a leve e que te dê em troca um sorriso de ventura!» Manuel fazia ouvidos de mercador; e o vento corria a brincar com os ramos das roseiras e o veu das mulheres.

IV

Passados muitos, muitos annos, succedeu que um dia Manuel, ao visitar as suas propriedades, encontrou no campo um homem muito mal vestido.

—Que vejo, disse elle, és tu, João, meu irmão?

—Sou, respondeu o outro.

—Em que estado te encontro! Tudo me faz crer que empregaste mal o brinde de Primavera.

—Ah! suspirou João, gastei, talvez, muito depressa as petalas da flor. Entretanto, não obstante a minha actual pobreza, não lamento o que fiz. Gozei tanto, meu irmão!

—Por isso soffres agora as consequencias. Se tu tivesses sido economico e circumspecto, como eu sou, não estarias reduzido a estereis arrependimentos. Porque, é preciso que saibas, bastaria que eu fizesse um gesto para desfructar todos os prazeres de que abusaste.

—E' possivel, meu irmão?

—Sem duvida, visto que conservo intacto o presente da fada. Eis o que é ser previdente.

—Dizes a verdade? nunca tocaste na tua margarita?

—Olha, disse Manuel, abrindo o cofre, que tirara da algibeira. Mas, de subito, empallideceu, porque em vez da fresca margarita aberta e viçosa, viu uma mancha cinzenta, semelhante a uma pitada de cinza tumular.

—Oh! exclamou Manuel, furioso, maldita seja a fada que me ludibriou!

Então, uma joven dama, vestida de flores, surgiu da espessura da floresta:

—Não te ludibriei, nem a ti, nem a teu irmão, disse a fada; é tempo de explicar-lhes o que se passou. As duas margaritas eram as mocidades de ambos: a tua mocidade, João, que tu atiraste a todas as auras do capricho; a tua mocidade, Manuel, que tu deixaste murchar, sem a usar, no teu coração sempre fechado; e não possues nem mesmo o que resta a teu irmão:—a fragrancia da flor que desfolhou!

ESMERALDA.

CONDIÇÕES DA ASSIGNATURA

Em todo o Portugal		Em todo o Brazil	
Anno, 52 numeros....	1$560 réis.	Anno, 52 numeros...	8$000 rs. fr.
6 mezes, 26 numeros..	780 »	6 mezes, 26 numeros.	4$000 » »
3 mezes, 13 numeros..	390 »	Avulso............	200 » »
No acto da entrega....	30 »		

Administração—Travessa da Queimada, 35, 1.º, Lisboa

Reservados todos os direitos de propriedade artistica e litteraria

TYPOGRAPHIA DO «DIARIO ILLUSTRADO»—TRAVESSA DA QUEIMADA, 35, LISBOA